

711 Sul, uma quadra de pioneiros

JORNAL DE BRASÍLIA

26 JUL 1998

Fotos: Geraldo Magela

À primeira vista, a 711 Sul é uma quadra como todas as outras que margeiam a W3. Um olhar mais atento, no entanto, revela sua história, anterior à inauguração de Brasília. Uma placa, orgulhosamente instalada no centro da quadra, confirma: neste 1º de agosto, a 711 Sul ou Conjunto Residencial Presidente Juscelino Kubitschek, como foi inicialmente batizada, completa 40 anos de existência.

Da inauguração em 1958, prestigiada pelo Presidente, aos dias de hoje, muita coisa mudou. Marco inicial das construções populares em Brasília, as 500 unidades projetadas por Oscar Niemeyer foram as primeiras instaladas na W3 Sul pela Fundação da Casa Popular — responsável pela construção das moradias para os primeiros funcionários que vieram ajudar a fazer a nova Capital.

Casas geminadas

Difícil imaginar que as casas modernas e grandes, muitas

delas com dois andares, algumas até com terraços e jardins bem cuidados, se originaram de habitações geminadas, padronizadas com três quartos, sala, cozinha, banheiro, varanda, pequeno jardim e quintal.

Na inauguração, há 40 anos, o presidente Juscelino Kubitschek declarou: "Tudo é relativo, o que aqui chamamos de casa popular é, na realidade, um palácio disputado por todos os habitantes de Brasília, como prêmio aos seus esforços e ao seu trabalho".

Poeira

Pioneiros na quadra, o casal José e Maria do Rosário Silveira confirma. A poeira e a falta de comércio na área dificultavam a vida na 711 Sul, mas, mesmo assim, o local era bem melhor do que o Núcleo Bandeirante, com as suas moradias sem eletricidade, onde o casal morou por um ano.

Certamente, eles seguiram o conselho do próprio JK, que disse: "Para se trabalhar em Brasília, é preciso pôr de lado o espírito burocrático, deixando

que prevaleça o espírito pioneiro" — como destacou a Revista Brasília, que registrou toda a construção da capital, arquivada no Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF.

Para se ter uma idéia das condições que prevaleciam no lugar, na época, o presidente lembrou, em seu discurso, que os homens que lutavam em Brasília tinham que estar na cidade animados da mentalidade bandeirante.

Ninguém sonhava, 40 anos atrás, que a W3 Sul, uma rua sem asfalto, planejada para viabilizar o trânsito de ônibus e o escoamento de caminhões, se transformaria numa das principais avenidas de Brasília. A quadra, antes encravada no meio do nada, deixou a poeira para trás. Hoje, é um espaço privilegiado, cercado de toda a comodidade (escolas, comércio, bancos, clubes, hospitais e outros), tranqüila e amplamente arborizada.

NELZA CRISTINA

Repórter do Jornal de Brasília



OS MORADORES gostam, principalmente, da tranqüilidade e espaços arborizados da 711 Sul

Artista encontra paz para criar

O artista plástico Darlan Rosa, criador do famoso Zé Gotinha das campanhas de vacinação contra paralisia infantil, confessa. Foi seduzido pelas comodidades que a 711 Sul oferece. "Há 10 anos moro em uma casa, no centro da cidade, em um lugar tranqüilo, bem arborizado, e onde tenho de tudo", afirma.

Ele conta que escolheu morar e manter ali seu ateliê

principalmente por comodismo. Cercado de escolas, vários cursos de línguas e clubes, o artista plástico e sua mulher se viram aliviados da tarefa de levar e buscar os quatro filhos para suas atividades estudantis. "Não tínhamos muito tempo. Por isso, eles sempre estudaram nas redondezas e só saíram quando foram para a universidade", conta ele.

Na 708 Sul, onde morava

antes, teve sua casa assaltada três vezes. Na 711 Sul nunca teve problemas com os ladrões. "Eu sou um privilegiado. Aqui tenho a inspiração para criar. Estou próximo ao Parque da Cidade, onde caminho todo fim de tarde e tenho bons vizinhos", destaca. Na Copa do Mundo os vizinhos se reuniram (mais de 40) e assistiram juntos aos jogos, sempre com muita festa. (N.C.)

JK inaugurou casas há 40 anos

O casal José e Maria do Rosário Silveira estava entre os primeiros moradores da 711 Sul. Hoje, 40 anos depois, os dois moram no mesmo local e têm muitas recordações. Dos cinco filhos que tiveram, quatro nasceram ali, em meio à poeira dos primeiros anos.

José Silveira, 67 anos, veio com a família de Goiânia para Brasília, convidado para ajudar a construir a Capital. Desenhista e cartógrafo, trabalhava na Novacap, cuja sede ficava na 508 Sul, onde hoje é a Fundação Cultural. "Eu costumava ir do trabalho para casa a pé e ia apanhando frutas, como caju, pelo caminho. Era comum, também, encontrar algumas siriemas no percurso", conta ele.

Ele lembra que havia muito mato nas redondezas e que a W3 Sul era apenas uma faixa, sem asfalto. "O presidente Juscelino Kubitschek desceu de helicóptero na W3, levantando muita poeira, quando veio inaugurar o conjunto", afirma.

Sua mulher, Maria do Rosário, de 64 anos, chegou a trabalhar nos Correios, mas logo passou em um concurso para o

antigo IAPI, depois INPS e hoje INSS. Entre as maiores dificuldades que lembra do início ela destaca a poeira. Os redemoinhos, os famosos "lacerdinhãs", eram muito comuns e tinham horário certo para aparecer, orientando, por exemplo, a colocação de roupas no varal.

Barracas

Mas o maior problema, realmente, era a falta de comércio próximo. "Apenas uma barracas funcionavam nas proximidades e cobravam tudo muito caro", explica. A solução era fazer compras mensais bem completas na Candangolândia, onde funcionava uma cooperativa dos funcionários. Um jipe da cooperativa se encarregava de levar as compras para a Asa Sul.

Anos depois, o casal viu a W3 se transformar em um dos principais pontos comerciais de Brasília. Foi uma época boa, mas que também acabou. José Silveira hoje lamenta a decadência do comércio local e a transferência das lojas para os shoppings. "O comércio aqui morreu", comenta desgostoso. (N.C.)

Morador elogia comodidades

Os moradores da 711 Sul não têm dúvida. A quadra está localizada em um ponto estratégico, cercada de comodidades. Nas redondezas, encontra-se de tudo — de escolas a hospitais (HGO e Naval), laboratórios, clubes (Previdenciários e Vizinhança), academias de ginástica, igrejas e supermercados. Uma das entradas do Parque da Cidade é ali, na 711, o que torna o lugar ainda mais especial para alguns moradores. Há quem diga também que a quadra "tem ou teve" alguns cassinos clandestinos.

Muito arborizado, o antigo conjunto residencial Juscelino Kubitschek apresenta um clima de tranqüilidade. Uma quadra de esportes reúne os jovens e muitos jardins são mantidos nas habitações. A juventude, aliás, aprova o lugar. Marcos Paulo Alves Magnunce, de 18 anos, mora há 10 anos na quadra e diz não ter do que reclamar. "A quadra é bem movimentada e tudo é muito bom", destaca.

Segurança

A 711 Sul aparentemente ainda não foi contaminada por uma nova tendência que tomou conta das residências localizadas às margens da W3: o comércio. Lá, encontram-se uns poucos restaurantes e algumas videntas.

Mas nem tudo são flores. A primeira quadra das 700 enfrenta hoje alguns problemas de segurança, como ocorre em toda a cidade. "De vez em quando, a polícia tem que vir aqui para pegar um pessoal com drogas", destaca o aposentado Jorge Barbosa, de 69 anos, 10 dos quais morando na quadra — "Aqui, eu não tenho que brigar com vizinho por causa de condomínio".

Segundo o aposentado, não são muitos os assaltos às residências. Apesar disso, uma conhecida moradora do local, de acordo com ele, já foi visitada pelos ladrões. A delegada Déborah Menezes, titular da Delegacia de Atendimento à Mulher, teve suas jóias levadas depois que invadiram sua casa. (N.C.)